



Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2010

Ilmo  
Dr José Sérgio Gabrielli de Azevedo  
Presidente do Petróleo Brasileiro S/A- Petrobrás  
Av. Chile, 65/24º andar  
Nesta

Assunto: *Contratação do projeto das refinarias Premium*

Tomamos conhecimento, com grande decepção, da assinatura do contrato entre a Petrobrás e uma projetista internacional para a execução do projeto das refinarias Premium I e II a ser construídas no Maranhão e Ceará. As refinarias terão módulos iguais de processamento de 300.000 barris/dia de petróleo- capacidade das nossas maiores refinarias - sendo a do Maranhão com dois módulos e a do Ceará com um.

1. A decisão significa um retrocesso de mais de trinta anos, quando na década de setenta, comprávamos projetos “chave-na-mão” (turn-key) das americanas UOP, M.W. Kellogg e Foster Wheeler. Naquela época não tínhamos capacitação consolidada para a realização de projetos deste porte.
2. Não é o que ocorre hoje, quando os técnicos da Petrobrás acabaram de finalizar os projetos básicos da Refinaria do Nordeste (RNEST) e do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (COMPERJ). Este longo percurso foi iniciado com a criação da Engenharia Básica da Petrobrás em 1976 na área de refino e petroquímica e, em 1983, na de E&P, localizada no seu Centro de Pesquisas e Desenvolvimento (CENPES).
3. Criava-se um modelo de integração da pesquisa tecnológica com a engenharia, retirando se dados das plantas pilotos para projetar novas unidades industriais. Para que isto ocorresse, foi decisiva a ação do governo federal em 1975, determinando que, na compra de projetos no exterior, fosse efetuada transferência de tecnologia, evitando que o processo continuasse de forma repetitiva, sem qualquer avanço tecnológico para o País. Na época, a Petrobrás foi escolhida por ter ficado demonstrado pelos estudos governamentais realizados, ser ela a entidade que, por dispor de vasta e diversificada experiência operacional e de um corpo técnico especializado, reunia condições para capitalizar o conhecimento e desenvolver a tecnologia mais adequada ao país no campo do petróleo. Na ocasião, empresas privadas participaram também do processo de transferência junto com a Petrobrás, mas apenas a estatal teve condições de manter sua equipe, até porque o mercado nacional não possuía escala para tecnologias restritas, onde a Petrobrás era a operadora, com condições de ter informações para aperfeiçoar e inovar o processo.
4. Logo, porém, as empresas privadas compreenderam que seu grande mercado não era a engenharia básica, mas a de detalhamento, onde se concentravam mais de 85% dos homens-horas de projeto. E, evidentemente, na construção e montagem dos equipamentos, onde eram despendidos mais de 80% dos custos do empreendimento.



5. A engenharia básica, entretanto, tem um papel fundamental para a Petrobrás e o País. Nesta etapa são tomadas as decisões conceituais que direcionarão as tecnologias de forma a propiciar sua construção no país ou reservá-las para três ou quatro empresas no exterior. Evidentemente as grandes companhias internacionais têm interesse em deter esta fase, pois permite o direcionamento para fabricantes e empresas de engenharia associadas ou parceiras.

Neste momento, infelizmente, sempre há empresas nacionais que se prestam a participar destas associações e cumprir algum tipo de exigência legal. A grande maioria, porém, prefere trabalhar com a Petrobrás como parceira, pois sabe que terá um mercado mais seguro e com condições de crescimento, sem contar, é claro, com seu papel de constituir uma elite empresarial nacional e independente.

6. A nota da Petrobrás aos investidores informa que “o principal critério de escolha foi o resultado econômico global das refinarias, considerando custos de instalação, operação e receita proporcionados pelos derivados a serem produzidos.” Ocorre que ninguém faz isto melhor que a Engenharia Básica do Cenpes (EB), que tem competência técnica e conhece a realidade nacional como ninguém. No projeto do COMPERJ, a EB foi obrigada a concorrer com projetistas internacionais e acabou sendo escolhida por ter o melhor projeto. Internamente, porém, a justificativa dada aos técnicos foi o curto prazo disponível para a realização dos estudos e projetos, num momento em que a equipe da Petrobrás estava envolvida com o projeto do COMPERJ. Todos sabiam, entretanto, que os prazos requeridos eram inexeqüíveis e inadequados, até porque os fabricantes dos equipamentos não conseguiriam atender aos cronogramas solicitados.
7. Foi o que se verificou nos projetos da RNEST e COMPERJ, mesmo buscando fornecedores alternativos, sem a necessária experiência e histórico de fornecimento. Os vários problemas ocorridos na fabricação de equipamentos no País e exterior têm demonstrado a afirmação.

Por todas estas razões, temos a convicção de que a decisão da escolha da UOP ou outra empresa externa deveria ser revista e a realização dos projetos entregue à equipe técnica do CENPES, que possui a competência e conhecimento, já sobejamente demonstrados nos projetos das unidades em operação.

Fernando Leite Siqueira  
Presidente

C/c.: Diretoria da Petrobrás